Ano XXIV — Lisboa, Agosto de 1968 — N.º 280

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

A CONQUISTA DO «CANUDO»

Pelo Rev. Eduardo Moreira

Um certo anúncio inserto nos programas da Televisão merece uma atenção especial da parte dos espectadores que, aliás, não abrem o televisor para os anúncios mas para alguma coisa da sua particular predilecção, sejam os golos de Eusébio, os amavios de Amália, as estatísticas sangrentas ou as heroicidades do super-rato. Mas confessemos: nos anúncios se descobre por vezes a «garra artística» e o pensamento ou a imaginação aliciantes, que nos faltam na monotonia e no sem-sabor de algumas outras exibições. Provàvelmente porque o artista tem aí melhor recompensa — e ainda bem! Digo-o quando não se trata de meia dúzia de pinceladas sem significação, candidatas a prémios de «snobismo»: prémios que só satisfazem no momento, como tudo que é mal ganho. Refiro-me ao prémio que dá prazer permanente, o da realização filha do trabalho honesto e do valor real: dez por cento de inspiração e noventa por cento de transpiração, como parece ter dito Edison. Mas adiante. O meu intento é outro: falar-vos dum filme publicitário de beleza incontestável e sentido real da vida.

Por meio dum certo produto se insinua aclarar-se a mente dos estudantes ajudando a memória e porventura o dom precioso da compreensão. Vêem-se aí três montanhas equidistantes, formadas de livros enormes, fortemente encadernados e perfeitamente fechados, dispostos em pirâmide. Um jovem que, em câmara lenta, se vê vencer o primeiro monte num elegante salto; depois o segundo e o terceiro, regressando pelo mesmo processo ao ponto de partida. E ao chegar ao termo do belo exercício estende a mão galhardamente e recebe um rolo de papel, que claramente se adivinha ser o almejado diploma, o desiderato de carreira tão desportiva.

Eis um emblema muito bem induzido, no qual sem esforço nos convencemos de ter a carreira dos estudos por alvo um apetrechamento profissional assegurador de justa recompensa.

Mas... não sei se maldade crítica se **visão perfurante** a minha, de ter tirado consequências mais mediatas do quadro da conquista imediata ali representada. Eu vejo de facto os livros fechados, a marcha atlética e o «canudo» que irá, pela vida fora, conferir direitos e proporcionar benesses. Receio que se tome «à letra», e aqui sem letras, uma filosofia barata, barateadora da vida. Porque de facto o necessário, o indispensável para o homem é abrir o livro, dialogar com ele, porventura contradizê-lo às vezes, ou concordar e aprovar conscientemente o que ele nos diz, excedê-lo até, se possível, na aplicação compreensiva. Ser o aluno, o estudioso, enfim, **ele próprio,** ser sempre um **autodidacta** depois de ouvir dez ou cem ou mil prelectores. Porque nós só sabemos, não o que ouvimos mas o que assimilamos.

Até a marcha desportiva que vimos no interessante filme deveria ensinar-nos que o valor real reside no esforço para aquisição legítima dum diploma, e não no diploma em si, por mais valioso que se apresente.

Deus nos livre do enojo da matéria, depois do esforço para obter o símbolo da sua conquista. O que vale é o que sabemos. Saber é valer, amigos!

A prodigiosa memória de BADEN-POWELL

Numa grande reunião de escoteiros que se realizou em 1913, em Birmingham (à qual se poderia chamar o 1.º Jambori Internacional, pois foi internacional, embora em pequena escala) havia uma determinada instalação que estava destinada aos dirigentes mais graduados.

Com o fim de impedir a entrada nesse recinto de pessoas de menor categoria, foi postado à porta um escoteiro, «armado» de uma vara, a quem se recomendou que não devia deixar entrar as pessoas que não usassem uniforme de comissário e não possuíssem um cartão assinado pelo Chief Scout.

Em certa altura apareceram dois dirigentes que pretendiam entrar na instalação. É certo que ambos tinham uniforme de comissários, mas a «sentinela» não deixou de lhes exigir a apresentação de cartões.

Depois de breve troca de argumentos, um dos comissários sacou de uma porção de cartões e entregou dois deles à «sentinela». Mas esta, olhando para os cartões, respondeu simplesmente:

— Estes não servem. Têm de ter a assinatura do Chief Scout.

Então um dos comissários, pegando numa caneta e, usando as costas do outro comissário como secretária, assinou em ambos os cartões: «*R. S. S. Baden-Powell*».

Nada mais foi preciso para que o rapaz deixasse entrar os dois comissários.

Onze anos depois, em 1924, numa reunião em Blackburn, B.-P., então chefe mundial dos escoteiros, dirigiu a palavra a diversos dirigentes que se encontravam à sua volta. Em certa altura do seu discurso, referiu-se ao caso passado com a tal «sentinela», classificando-o como o exemplo de um escoteiro fiel cumpridor dos seus deveres.

Em seguida, foi apertando a mão a cada um dos dirigentes que se encontrava naquele círculo, ao mesmo tempo que lhes dirigia palavras de estímulo. Porém, quando ia a cumprimentar um dos chefes, olhou-o fixamente e perguntou-lhe:

— Não nos encontrámos já noutra ocasião?

E após uma curta pausa, disse:

— Já, já! Não era você o rapaz de Birmingham a quem há pouco me referi?

O escoteiro-chefe confirmou e ambos desataram a rir.

Daí em diante, todas as vezes que este chefe se encontrava com B.-P., este quase sempre o tratava por «sentinela»!...

Outro exemplo, mais perfeito ainda, da espantosa memória de B.-P.:

Continua na pág. 4

O Júri nacional da «Operação Plus Ultra-1968» consagrou um pequeno grande herói de Angola

Nos Serviços Centrais de Rádio Clube Português, realizou-se a reunião do Júri nacional da **Operação Plus Ultra,** campanha destinada a revelar e a premiar o valor humano das crianças. Compareceram os Srs. Dr. Joaquim Sérvulo Correia, Reitor do Liceu Camões, representante do Ministério da Educação Nacional; Dr. Fernando Manuel Teixeira de Matos, Director dos Serviços Culturais da Mocidade Portuguesa, representante deste Organismo; João Corregedor da Fonseca, jornalista, representante do Grémio Nacional da Imprensa Diária; Dr. Gil Costa, Chefe dos Serviços de Relações Públicas da R. T. P., representante da Radiotelevisão Portuguesa; e Álvaro Jorge, pelo Rádio Clube Português. Secretariaram a Sr.ª D. Maria Eufêmia Baudouin e o Sr. Jaime da Silva Pinto, dos Serviços de produção do Rádio Clube Português.

De cerca de duas dezenas de casos presentes este ano, foram seleccionados três, e foi entre estes que o Júri, após demorada deliberação, escolheu, por maioria, como representante português ao Prémio da **Operação Plus Ultra,** José Chimunga, de 12 anos de idade, da aldeia de Chicundo, Distrito do Bié, Angola.

E merece bem ser contado em pormenor o gesto do José Chimunga, pelo qual tão honroso prémio lhe foi atribuído.

Tem apenas 12 anos mas não lhe falta coragem que sabe pôr ao serviço do seu amor ao próximo.

Eram 7 horas de uma manhã de Outubro de 1967. O leão andava esfomeado. O mato não lhe oferecera caça que o satisfizesse. Pelo menos assim o dava a entender, ao surgir cauteloso na senzala, direito ao curral, na esperança de saciar o apetite insatisfeito, na carne macia do gado manso e indefeso. Mas havia alguém atento. A fera mal conseguiu avistar as presas. Uma flecha partiu. Um fio de sangue riscou-lhe a pelagem. A dor e o fracasso exasperaram o faminto leão que num relance avistou o atirador e, dum salto, derrubou-o e prendeu-o nas garras. Um irmão da vítima, que se encontrava próximo, acorreu em seu auxílio e saltando sobre a fera tentou apertá-la pelo cachaço fazendo alicate dos seus braços fortes. Mas o leão mal ferido redobrou de fúria e os dois homens estavam prestes a perder as forças e a vida. Foi nesse instante que se verificou a intervenção do José Chimunga. Vencendo o terror que um leão sempre espalha quando aparece rondando as cubatas, sem querer ouvir os rugidos da fera que já se recompunha do primeiro ataque dos dois homens, o pequeno Chimunga, empunhando um machado como única arma, correu sobre o leão e destemidamente, sem querer pensar no perigo de morte que também o ameaçava, vibrou no lombo da fera golpes tão fortes que lhe originaram diversas fracturas da coluna vertebral. Em poucos minutos, segundos talvez, os dois prisioneiros sentiram-se libertos e estupefactos perante o inesperado auxílio.

Nessa manhã de Outubro de 1967, José Chimunga, ao salvar duas vidas impulsionado apenas pelo mais puro sentimento de amor ao próximo, deu à sua própria vida nova razão de ser e tornou-se num exemplo de valor humano.

Por si mesma fala a própria cena que acabamos de relatar e que dificilmente poderá traduzir com exactidão toda a coragem, toda a heróica decisão e todo o altíssimo valor humano que o José Chimunga demonstrou nessa atitude exemplar que o tornou digno de receber o Prémio da **Operação Plus Ultra:** uma viagem de férias por Itália, Marrocos e Espanha.

O VI aniversário da Fraternidade Nuno Álvares Pereira, da Região de Coimbra, do Corpo Nacional de Escutas

Com diversas cerimónias, foi comemorado no dia 7 de Julho p. p., o 6.º aniversário desta Fraternidade.

Depois da missa na igreja de Santa Cruz, os elementos desta Fraternidade reuniram-se num almoço de confraternização num restaurante de Coimbra, durante o qual foi lido o relatório das actividades desenvolvidas bem como daquelas que estão previstas para o novo período de trabalho.

Depois de terem usado da palavra diversos oradores, foi guardado um minuto de silêncio em memória dos escutas falecidos.

A reunião terminou com a leitura da lei e dos princípios dos escutas e, depois da renovação da Promessa, todos entoaram o hino «Radiosa Floração».

OS ESCOTEIROS DE BENGUELA

comemoram o 351.º aniversário daquela cidade angolana

O Agrupamento 248.º, de Benguela, do C. N. E., levou a efeito um programa comemorativo do aniversário daquela cidade, a que associaram os escoteiros do Grupo n.º 39 da A. E. P.

As actividades iniciaram-se em 17 de Maio, com uma sessão solene nos Paços do Concelho.

No dia 18, sábado, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, houve uma velada de armas dos novos elementos do Agrupamento 248.º.

A noite, já com a presença dos escoteiros da A. E. P., realizou-se um fogo de conselho, que conseguiu despertar fortes aplausos na numerosa assistência.

No domingo, realizou-se um jogo escotista, a «Operação-351-CB». Consistia numa actividade em que os escoteiros partiam de um determinado local, e, seguindo uma das pistas, tentavam encontrar mensagens com o seu próprio nome, até se voltarem a reunir num outro local indicado na última mensagem.

Os dez primeiros classificados foram João Manuel Vigário, Maria Carolina Viegas, José Manuel Capitão, Sérgio Luís Roque, Fernando Jorge Ribeiro, Manuel Feliciano Guimarães, Anabela Santos Pinto, Germano Palma Gomes, Maria Helena Carvalho e Maria da Graça Ferraz, todos do Grupo n.º 39, à excepção de Anabela Pinto, Maria Helena e Maria da Graça, que pertencem ao Agrupamento organizador. Houve ainda mais 20 escoteiros e guias classificados.

Por patrulhas, classificou-se em 1.º lugar a patrulha «Elefante» do Grupo 39, seguida da patrulha «Rola» do Agrupamento 10, «Cuco» do 39 e «Águia», «Antílope» e «Lobo», todas do 10.

REV. EDUARDO MOREIRA

Do nosso estimado colaborador Senhor Rev. Eduardo Moreira recebemos a seguinte carta:

«...Sr. Director do S. P.

Internado há pouco por vários dias na Clínica de S. Lucas, donde saí bastante melhor duma dolorosa crise, venho pedir-lhe o obséquio de tornar público o meu fervoroso agradecimento a todo o pessoal daquela excelente instituição, que merece o respeito e o apreço de todos que conhecem a obra benemérita dos seus instituidores. É difícil nomear todas as competentes enfermeiras que ali trabalham, sob a eficiente inspecção da Senhora D. Maria de Lurdes Novais. A todas, bem como ao restante pessoal, desde o seu administrador, Rev. Josué Ferreira de Sousa e o capelão, Rev. António Santos, vai o meu sincero agradecimento».

Por esta carta, tivemos, assim, conhecimento de que este nosso muito estimado amigo se encontrara doente.

Ao mesmo tempo que damos cumprimento aos seus desejos de louvar, nestas colunas, o competente pessoal daquela clínica, congratulamo-nos por saber que o Sr. Rev. Moreira se encontra restabelecido da enfermidade que o acometeu.

A Direcção Provincial dos Serviços de Administração Civil de Angola

admite candidatos ao cargo de adjunto de administrador de posto do quadro administrativo

Esta Direcção Provincial anuncia que admite, — sem concurso, —indivíduos para a província de Angola.

Poderão ser nomeados, para esse cargo, indivíduos dos 18 aos 35 anos de idade, com o 2.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes e que provem, por atestado médico ou parecer de Junta de Saúde, que não sofrem de doença contagiosa e que possuem a robustez física necessária para o desempenho do cargo.

Os interessados poderão tomar conhecimento de outras condições que têm de satisfazer, dirigindo-se à Direcção daqueles Serviços, caixa postal n.º 1237, Luanda.

Os proventos mensais a auferir pelo desempenho deste cargo serão, inicialmente, de 3.300$00 de vencimento, 500$00 de gratificação e 300$00 por cada familiar com direito a abono. Têm ainda direito a casa mobilada fornecida pelo Estado, e a uma licença de 30 dias em cada ano civil e uma licença graciosa de 150 dias de 4 em 4 anos.

O quadro prevê diversas categorias, a mais alta das quais tem o vencimento de 13.000$00 mensais.

PINTOR CARLOS BOTELHO

Deste ilustre artista, recebemos uma carta com agradecimentos às referências que **Sempre Pronto** teve oportunidade de fazer, a propósito da exposição realizada recentemente no Liceu de Pedro Nunes, comemorativa dos seus 50 anos de vida artística.

O 13.º Acampamento Nacional do Corpo Nacional de Escutas

realiza-se este mês em Portalegre

De 17 a 25 deste mês de Agosto, decorre na Serra de S. Mamede, em Portalegre, o 13.º Acampamento Nacional de Patrulhas e o 5.º Jambori Português.

Conta-se com a presença de 2.000 participantes, vindos do Continente, das Ilhas e do Ultramar, bem como do estrangeiro: da Alemanha Ocidental, da Espanha, Inglaterra, Rodésia, Polónia e Suécia. Ainda estarão presentes escoteiros norte-americanos, vindos não só dos Estados Unidos como também de bases americanas da Europa, o príncipe Emanuel, do Liechtenstein, e seu filho. No acampamento, estará também presente uma delegação de 30 graduados da Mocidade Portuguesa.

A chefia do acampamento é constituída pelos Srs. comandante Daniel Farrajota Rocheta, chefe do campo; António Xavier de Oliveira, chefe adjunto; Rev. Manuel Duarte Luís, assistente; Manuel Joaquim Miranda Fernandes, secretário-geral; Abel Delgado Domingos, vogal.

A administração está a cargo do Sr. Manuel António Velez da Costa; a organização, do Sr. Manuel Pedro Soares de Luna; as actividades, do Sr. Francisco Lopes da Silva Maia; e a logística, do Sr. José Carlos Taquenho Belo Morais.

O programa inclui, entre outros números, excursões diversas, um torneio de atletismo para seniores e um **rallye** de carros sem motor, para juniores.

No decorrer do acampamento, aguarda-se a visita de várias individualidades e do Sr. Arcebispo Primaz de Braga.

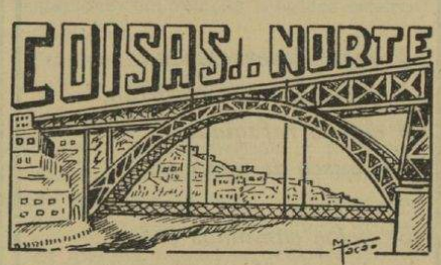
O 13.º Acampamento tem como patrono D. Nuno Álvares Pereira e por lema **«Na Pista da Fé»**.

Pequenos Jamboris Internacionais

O Dr. J. J. Herks, Comissário Internacional Escoteiro da Holanda, acaba de lançar um apelo para que as associações escoteiras promovam a realização de pequenos jamboris internacionais. Experiências prèviamente feitas — diz ele — têm provado que durante estes pequenos jamboris se realizam interessantes contactos que formam amizades de longa duração. Semelhantes acampamentos conseguem o máximo de vantagens se reúnem 400 ou 500 participantes e se o país anfitrião está representado pelo mesmo número de escoteiros que os visitantes no seu conjunto.

É evidente que a preparação e organização destes acampamentos exigem muito tempo e esforços, que serão largamente compensados pelo prazer que os rapazes têm em participar numa actividade desta natureza.

Sem dúvida que iniciativas desta natureza são muito interessantes e oferecem uma oportunidade àquelas associações que não têm possibilidades de organizar um grande jambori.



Grupo n.º 44 — Vila Nova de Gaia

O Grupo n.º 44 recebeu, no dia 21 de Julho p. p., uma visita dos seus camaradas do Grupo n.º 19 do Corpo Nacional de Escutas.

O Presidente da Câmara Municipal do Porto

FOI AGRACIADO pelo Corpo Nacional de Escutas

Uma comissão constituída pelos Senhores dr. José Francisco dos Santos e eng.º D. Paulo de Lencastre, chefes nacionais adjuntos do C. N. E.; dr. Manuel Faria, chefe de grupo para a formação de dirigentes; e dr. Fernando Meira Ramos, chefe regional do Porto daquela associação, esteve no dia 10 de Julho último no gabinete do presidente do Município portuense, a fim de entregar ao sr. dr. Nuno Pinheiro Torres a «Cruz de Agradecimento» de 1.ª classe, de ouro, como penhor de gratidão pelo auxílio, dedicação e apoio que ao C. N. E. têm sido dados por aquela Câmara Municipal ao longo dos 45 anos de existência da associação irmã.

O Sr. Dr. Pinheiro Torres agradeceu a distinção que lhe era feita e formulou votos pelas prosperidades do C. N. E.



O verdadeiro escotismo, fonte de actividade espiritual

Como tudo o que «S. P.» insere está, já o declararam os seus dirigentes, posto à opinião dos leitores, seja-me lícito referir que, depois da leitura de «Poluição» da autoria de Joel Ribeiro, inserto no número de Julho de 1968, não me foi possível calar o que em mim há muito tempo move: «O verdadeiro escotismo, fonte de actividade espiritual».

Sim, a divisa do escoteiro, «Deus, Pátria e Família», o compromisso de honra sobre a prática de boas acções e respeito das ideias dos outros para que respeitem as suas, a camaradagem, o contacto com a Natureza, torna-o ser superior de forma a uma concentração espiritual que o aproxima das coisas de Deus.

Próximo das coisas de Deus, não podemos alhear-nos da Pátria e família, e esta trindade, diga-se assim, é a base da formação verdadeiramente cristã. Onde estão presentes os princípios da doutrina de Cristo prevalece a paz, sem a qual não é possível progresso espiritual. E o verdadeiro escoteiro, vivendo a Natureza em toda a sua plenitude, não pode deixar de elevar as suas preces a Deus, quaisquer que sejam os seus credos, cores ou políticas, para que no mundo os homens coloquem as actividades espirituais acima das materiais, como se impõe, porque enquanto estas sobrelevarem aquelas, não poderemos considerar verdadeiro progresso.

O que me vai na alma perante a leitura que me inspirou as presentes linhas, chegaria para uma página ou mais de «S. P.», mas o espaço de que dispõe não permite que vá mais além e, assim, ficarei esperando do leitor amigo opiniões, ainda que contrariando as minhas, mas que sejam de molde a desenvolvermos actividades espirituais.

Joaquim de Sousa Piscarreta

O menor acto de virtude, a menor parcela de talento, parecem-me infinitamente superiores a todas as riquezas, a todos os êxitos do mundo.

RENAN

VISADO PELA CENSURA



por MENDES MARQUES

O Escotismo na Checoslováquia

Que conhecemos nós do escotismo na Checoslováquia?

É possível que alguns escoteiros mais velhos, em especial aqueles que já frequentaram Jamboris ou reuniões internacionais anteriormente ao encontro de Moisson, ainda se lembrem da presença de escoteiros checos. Então, respirava-se naquele país, que ao longo dos tempos tem sido sacrificado ao apetite despótico de vizinhos poderosos, o ar puro da liberdade. Recordemos que o primeiro presidente de república checa, Thomas Mazarick, e seu filho Jean, ministro dos negócios estrangeiros, foram autênticos paladinos da mesma liberdade.

Ora, uma das vantagens que uma colecção temática nos oferece é precisamente a possibilidade de aprendermos vastos conhecimentos sobre o tema estudado, abrindo-nos, assim, outros horizontes para além da colecção do selo em si.

Filatèlicamente, em filatelia refiro-me, naturalmente, a selos e marcas postais, a Checoslováquia diz-nos quanto o movimento foi considerado neste país. Efectivamente, a Checoslováquia ombreia com os países que, no período anterior à guerra, mais vezes consagraram o escotismo, quer em selos, quer através de marcas postais.

No presente número descrevo os dez carimbos dedicados ao Escotismo no período de 1931 a 1946, todos eles peças de eleição numa boa colecção escotista e, como tal, merecedores da atenção dos coleccionadores do tema.

1 — O raríssimo carimbo publicitário do Jambori nacional, que teve lugar em Praga, de 28 de Junho a 4 de Julho de 1931;

2 — Carimbo comemorativo do referido Jambori;

3 — Carimbo comemorando o acampamento nacional em Kutna Hora — 17--6-934;

4 — 30-6 a 22-7-1934 teve lugar em Banska Bystrica, um acampamento que serviu de fundo ao 12.º encontro mundial escotista de língua esperantista;

5 — 1-6-1936 — Acampamento nacional de Praga;

6 — 30-5-1937 — Carimbo comemorativo da abertura da sede escotista de Jaromer;

7 — Festival escotista em Klatovy, de 7 a 9 de Setembro de 1945;

8 — 11-11-1945 — 1.ª Conferência escotista nacional, em Zilina;

9 — 27-1-1946 — Festival escotista em Karlovy Vary, durante o «Dia do Escoteiro»;

10 — 2.ª Conferência escotista nacional — Praga 19-11-1946.

XII Poemeto filatélico

(diante do selo em que se pede auxílio para os refugiados)

Arbusto desenraizado
A quem se nega o torrão,
É esse o refugiado
Em busca de paz e pão.

Se pelos caminhos erra
Resistindo, pertinaz,
E uma porta se descerra,
Dá graças: tem pão e paz!

Eduardo Moreira

A prodigiosa memória de BADEN-POWELL

Continuação da pág. 1

O pai de um lobito — chamemos-lhe Mr. Dow — demonstrou o desejo de se encontrar com B.-P., com o qual havia servido durante a guerra dos Boeres.

— Com efeito, — disse ele — a última vez que nos encontrámos foi quando ele me passou de sargento para praça rasa, por eu estar embriagado.

Quando finalmente se realizou o encontro, B.-P. estava tomando parte num beberete que se realizava em sua honra. Porém, assim que ouviu que um veterano da guerra da África do Sul o estava aguardando, B.-P. imediatamente abandonou a sala para se encontrar com o antigo camarada.

Mr. Dow foi-lhe então apresentado. B.-P. apertou-lhe a mão e, com uma piscadela de olho, ajuntou:

— Deixe-me pensar. Você é o sargento... sargento, não! Você é o soldado Dow!

E prosseguiu dizendo a Mr. Dow qual a unidade em que servira, quem era o comandante e o próprio comandante da companhia. Isto quase um quarto de século depois desses acontecimentos se terem registado!

(Adaptado de «*World Scouting*»)



O Núcleo A de Lisboa

promoveu o IV Festival de Natação dos Escoteiros de Portugal

Na piscina do Clube Sportivo de Pedrouços, o Núcleo A de Lisboa da Associação dos Escoteiros de Portugal realizou o IV festival de natação, o qual teve larga participação de concorrentes.

Nas diversas provas, saíram vencedores:

CHEFES — 25 m livres: António Ribeiro, Grupo 85, 25,1 s.

CAMINHEIROS — 50 m livres: Álvaro Marques (G. 7), 42,0 s.; 50 m bruços: Álvaro Marques (G. 7), 46,0 s.; 50 m costas: José Paulo (G. 2), 50,3 s.

JUNIORES — 50 m livres: Justino António (G. 79), 56,0 s.; 50 m bruços: António Ribeiro (G. 85), 1 m. e 4 s.; 50 m costas: Vítor Ramos (G. 85). 59,9 s.

SENIORES — 50 m livres: José Martins (G. 2), 50,1 s.; 50 m bruços: Carlos Baptista (G. 85), 44,0 s.

SENHORAS — 50 m livres: Maria Helena (G. 7), 52,1 s.; Etafeta de 4 × 25 m livres: Grupo 85, 1 m. e 35,1 s.

Realizaram-se, ainda, saltos com a prancha a 3 metros, por representantes dos Grupos 2, 5 e 85; e, no final, foram entregues os prémios referentes ao festival do ano anterior assim como os das actividades do Núcleo A de Lisboa no mesmo período.

DE SINTRA

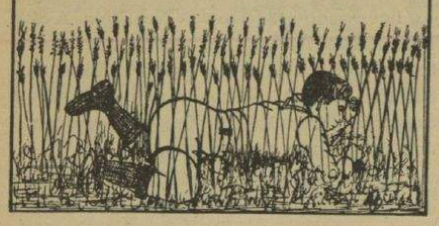
Exposição Internacional de Filumenismo — Filtur 1

De 20 a 28 de Julho passado, realizou-se no Palácio Valenças desta Vila esta Exposição, que reuniu grande número de participantes e a que a Imprensa largamente se referiu. Um dos concorrentes expositores foi o antigo escoteiro do Grupo n.º 93, Sr. Ferrer S. Monteiro, a quem foi atribuído o prémio para a melhor participação de caixas e carteiras, tendo recebido a taça «Palácio de Sintra».

Vice-Presidente da Câmara Municipal

Foi escolhido para desempenhar o cargo de vice-presidente da Câmara, o antigo vereador Sr. António José Forjaz, com larga folha de serviços prestados ao concelho e antigo escoteiro do Grupo 93 desta Vila. — *C.*

POSTO DE OBSERVAÇÃO



Presença constante

A quem tenha acompanhado as diversas manifestações escotistas realizadas desde há alguns anos, não terá passado despercebida a assiduidade e interesse do actual presidente da direcção da **Fraternal**, Sr. Humberto Martins, presença constante de quase todas as actividades que se realizam na área de Lisboa e arredores desde há 3 ou 4 anos e igualmente presente em algumas outras bastante mais longe.

Indiferente a sectarismos ou simpatias preferenciais, tem levado a sua presença amável, o seu voto de boa vontade, a sua palavra amiga a todos os lados, quer se tratem de realizações dos Serviços Centrais, dos núcleos ou dos grupos. Todos se habituaram já à sua discreta mas agradável presença e à sua palavra simples mas verdadeira e sentida.

A todos o «velho» Escoteiro tem levado em nome dos «antigos» um voto de prosperidade e um incitamento de coragem e estímulo. Pena é que, actuando e falando em nome dos antigos escoteiros, estes nem sempre o acompanhem em número e entusiasmo suficientes, deixando, não raro, um vazio triste e duvidoso entre os desejos manifestados pelo presidente da **Fraternal** e a realidade da vida daquele sector associativo.

Combatente da primeira linha, que o foi dos mais activos e dedicados, tem lutado pelo Movimento com a mesma coragem com que na Flandres defendem a **Pátria**, esperando confiadamente o resultado da sua dedicação e esforço em prol de um amanhã mais feliz para a juventude portuguesa.

Tarda já a meta que espera e deseja ver atingida pelo Escotismo em Portugal, mas poderá dizer-se que a sua fé mantém-se inalterável.

Saudemos, pois, com respeito e amizade o dedicado presidente da **Fraternal**, fazendo votos para que o seu exemplo frutifique entre os «antigos», para que estes, conscientes da útil tarefa que ainda está ao seu alcance, possam trazer aos jovens escoteiros o apoio e os ensinamentos de que estes tanto carecem.

M. G.

Quem só conhece a justiça, não vale aquele que a ama.

CONFÚNCIO

O 84 a «todo o vapor»

- Festivas comemorações do 39.º aniversário
- Declarações optimistas do chefe Aníbal Horta
- Reforços valiosos e promissores

Reportagem de A. I.

Qual FÉNIX renascendo das próprias cinzas, aí temos um grupo de escoteiros em assinalável progresso. Poucos aceitariam que aquele punhado de «velhotes» a que nos habituáramos há alguns anos, atrasados no tempo e isolados no espaço, fossem capazes de conservar em si tão considerável dose de energia e juventude ao ponto de, em menos de um ano, transformarem o grupo n.º 84 numa das mais activas e prometedoras unidades da A. E. P., não obstante os condicionalismos a que está sujeito o seu trabalho, dado o isolamento em relação a outros centros populacionais.

Parabéns, pois, ao chefe Aníbal Horta e aos seus colaboradores.

«Sempre Pronto», que tem acompanhado, com muita simpatia e interesse, o renascimento do grupo n.º 84, não quis deixar de estar presente às comemorações do 39.º aniversário daquele grupo.

Do que foi aquela actividade, demos já conta no nosso último número, mas o nosso enviado, que acompanhou e viveu o entusiasmo dos rapazes do Entroncamento, apreciando demoradamente a sua exposição de nível muito apreciável, convivendo com eles no acampamento, cantando no seu «Fogo do Conselho», desfilando pelas ruas da Vila, acompanhando-os em todas as actividades, não deixou de registar alguns depoimentos que se revestem, neste momento, de muito interesse.

Abordámos, por isso, o chefe Aníbal Horta um «eterno» do Escotismo que, mais uma vez, está pondo à prova toda a sua dedicação ao Movimento que serve devotadamente.

Visivelmente satisfeito, começou por nos dizer:

— Falar do passado não interessa neste momento. Falemos sim do presente e do que será o futuro. Ainda há cerca de 6 meses (8 de Dezembro) o 84 esteve em festa e agora de novo festejamos a vida do nosso Grupo. Não é para recordar a sua idade, os seus 39 anos, mas para nos congratularmos com a sua existência, gratos a todos aqueles que nos amparam e auxiliam.

Curiosamente perguntámos:

— Como se operou esta renovação que se está observando no 84?

O Chefe Horta, olhou-nos calmamente, já preparado para a resposta e historiou:

— Na última dezena de anos, perante o declínio da vida do Grupo, que se vinha acentuando de ano para ano devido ao afastamento de alguns elementos, chegámos a supor que ele iria sucumbir de vez por falta de elementos.

«Porém em Agosto de 1967, no Acampamento Regional do Norte, realizado no Porto, onde estivemos presentes apenas com 8 escoteiros, tivemos ocasião de trocar impressões com os elementos da Comissão Técnico-Pedagógica da A. E. P. a quem a chefia do 84 pôs ao corrente da fraca situação do Grupo. Traçaram-se alguns planos, fizeram-se projectos para um melhor futuro e foi receitada a medicação necessária para tirar do marasmo os poucos elementos ainda existentes, a fim de dar ao Grupo uma nova vida, traçando novos caminhos, prometendo a nós próprios fazer sempre mais e melhor».

— Como se observa, tais conversações deram óptimo resultado, — atalhamos ao ver o sorriso vitorioso do nosso interlocutor.

— A promessa foi cumprida e passados que eram apenas 4 meses o 84 viu a sua prole aumentada de 8 para 24 elementos. Mais seis meses são decorridos e o nosso efectivo a partir de hoje será de 40 elementos.

Embora esta revelação não constituísse verdadeiramente surpresa para nós, que temos acompanhado de perto o esforço do Chefe Horta, não deixamos de lhe demonstrar a nossa satisfação pelo brilhante resultado conseguido, mormente no que respeita à Alcateia, onde se observa um entusiasmo digno de nota. O semblante do nosso entrevistado toma agora um ar de certo enlevo paternal para nos falar dos seus lobitos:

— Foi uma agradável experiência a criação da nossa Alcateia. Nasceu rodeada de esperança e temos-lhe dedicado tanto carinho que a ideia foi avante e conseguiu-se o desejado. Aí os temos em quantidade e qualidade.

Mas sùbitamente entusiasmado o «velho» escoteiro adiantou:

— Queremos, porém, ir ainda mais longe, pois desejamos criar junto ao nosso grupo um Bando de Avezinhas. É uma modalidade que surge pela primeira vez no 84, mas a exemplo do que se está já a fazer em vários grupos do País. O entusiasmo como pode ver não podia ser maior por parte dos pequenitos e nós sentimo-nos reconfortados de todo o trabalho ao verificarmos a alegria esfuziante deste lindo bando chilreando à nossa volta.

Não quisemos terminar sem pôr o Chefe Horta perante um dos problemas

Continua na pág. 7



«World Scouting»

Saiu o primeiro número desta revista editado em Genebra, a cidade onde a Secretaria Mundial do Escotismo acaba de instalar a sua sede.

Lazlo Nagy, o Secretário-Geral do Escotismo Mundial, dirige, por motivo desse acontecimento, a seguinte mensagem aos leitores da conceituada revista:

«Neste momento em que expedimos o primeiro número de World Scouting, *redigido e impresso em Genebra, uma parte da juventude do mundo exprime-se com violência, numa espécie de secessão moral no interior do seu próprio país. Embora este turbilhão tenha envolvido jovens que passaram já a idade escotista, seria da nossa parte um erro imperdoável contemplar este temporal como o faz a avestruz, com a cabeça escondida no chão.*

«Com efeito, tudo o que se relaciona com a juventude nos diz respeito directamente. É evidente que o escotismo não é a panaceia que resolve todos os problemas das gerações mais novas. Mas, com certeza, é um dos remédios possíveis, destinado a desenvolver o carácter dos cidadãos responsáveis de amanhã, membros de uma sociedade que, esperamos, seja mais justa e mais humana que aquela que herdámos de nossos pais. Cada escoteiro-chefe, cada simples escoteiro, consciente das suas responsabilidades, deve guardar-se de contemplar o espectáculo sanguinolento dos seus contemporâneos como uma ferida surpreendente e inexplicável, mas sobretudo como um desafio ao qual o nosso movimento pode e deve dar uma resposta válida, ainda que dentro dos limites das nossas possibilidades.

«O escotismo não resolverá certamente, com um milagre, todos os males de que sofre o mundo de hoje, condicionado pelo ouro, pelo petróleo, computadores, energia nuclear, televisão e comités *centrais dos partidos ditatoriais, mas pode e deve dar aos jovens tomados pela cólera, hoje ou amanhã, um ideal mais atraente que a demolição, a utopia e a anarquia, e uma esperança em coisas mais construtivas que as barricadas.*

«Para a frente, caros irmãos escoteiros, alumiados por um melhor escotismo e, segundo os desejos do nosso fundador, por um escotismo para todos os rapazes».

Este número de *World Scouting* contém artigos em inglês, francês e espanhol.

O Japão e o Jambori Mundial

Os dirigentes do escotismo japonês começam a tratar da organização do Jambori Mundial que se realizará em 1971. Na grande nação asiática, como se vê, as coisas não são feitas de improviso, mas delineadas com antecedência a fim de que a sua realização não dê motivos, dentro do humanamente possível, a críticas menos favoráveis.

O tema do Jambori já foi escolhido. Será «Entendimento», por se reconhecer que, quando os homens se compreenderem mùtuamente, mais sólidos serão os elos da fraternidade mundial e as perspectivas de paz.

O Monte Fuji, onde se reunirá o grande acampamento, é uma das belas regiões do Japão. Ali existiu um vulcão, cuja sua última erupção foi em 1707. Hoje está extinto.

O clima é bom. Em Agosto, quando se realizará o Jambori, a temperatura média é de 21° C.

Foi no mesmo local que se realizou em 1962 o III Jambori Nacional japonês, onde participaram 26 000 escoteiros.

A planta do acampamento já está elaborada, ainda que de forma não definitiva.

Tudo se dispõe para que o XIII Jambori Mundial seja um acontecimento invulgar.

Surinam

O Surinam, a antiga colónia holandesa da Guiana, alcançou em 1954 a autonomia, numa associação em igualdade sob a coroa holandesa.

Neste novo país sul-americano, o escotismo é praticado há mais de 40 anos. Actualmente, desenvolve grande actividade, possuindo mesmo uma significativa folha de serviços à comunidade, com a realização de excursões para pessoas idosas, reunião de produtos alimentares para auxílio a populações famintas no estrangeiro e promoção de uma campanha para o desenvolvimento de escolas no interior do país.

Pois a associação dos escoteiros do Surinam foi agora reconhecida como membro do Conselho Mundial do Escotismo.

No último Jambori Mundial, o Surinam esteve representado com 18 escoteiros. Na XXI Conferência Mundial estiveram presentes dois dos seus comissários.

Grã-Bretanha

Os Serviços Centrais da Associação Britânica de Escoteiros anunciam a nomeação do Sr. John Brian Huskins para Director de Treino e Chefe de Campo de Gilwell Parque — Centro Internacional de Treino. O novo Director iniciará a sua actividade no princípio de 1969 e vai suceder a John Thurman, que deixará o seu cargo em Outubro próximo.

John Huskins tem 31 anos de idade e é licenciado em Ciências Naturais. A sua experiência no campo escoteiro é vasta, tendo sido Lobito, Escoteiro e Escoteiro Sénior. Presentemente desempenhava o cargo de Comissário Regional Adjunto dos Escoteiros de Surrey.

John Thurman, que há longos anos desempenhava o seu cargo em Gilwell Park, notabilizou-se pela forma como desenvolveu o esquema de treino internacional e dirigiu o Campo-Escola, tendo prestado valiosa assistência ao treino de associações escoteiras de muitos países, tendo mesmo demonstrado em diversas ocasiões o maior interesse pelos cursos de Insígnia de Madeira em Portugal.

Embora nada oficialmente se saiba, meios bem informados julgam supor que o Chefe Thurman não estaria de acordo com certas modificações introduzidas ùltimamente no movimento britânico.



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

A PATRULHA EM ACTIVIDADE

Fazei Escotismo de verdade, Escotismo de Baden-Powell, Escotismo de plena natureza. Aprendereis assim muitas coisas que vos farão sentir melhores cada dia e que jamais esquecereis.

Ante ti, abre-se um largo caminho que conduz à felicidade. Dá o braço aos demais Castores, e os oito irmãos juntos, ombro com ombro, marchai animosos até ao fim. Nesse caminho há altos e baixos, porém não existe nenhum obstáculo capaz de deter a marcha alegre de oito corações escotistas batendo em uníssono.

Esta é a nossa última noite de acampamento. Sei que tu não olvidarás as minhas palestras, destes dias, como tão-pouco esquecerás o esplendor deste fogo que arde a nossos pés. Muito mais deveríamos ter falado, porém, o tempo corre inexorável e não podemos fazê-lo. Amanhã estarás só com os teus Castores. Tenho fé em ti, novo Guia de Patrulha, e estou seguro do teu êxito, porque tens coração. Mas se alguma vez necessitares de mim, junto ao fogo da minha tenda sempre há um sítio para que falemos de Escotismo.

Agora, um abraço e que tenhas boa jornada.

Saúde e boa caça!

Enrique Genovés
«Ojo de Lince»



Felicidade por dez tostões

Domingo de verão. As crianças brincam felizes, correndo sobre a areia do parque infantil, ora se abandonando, deliciadas, ao vaivém do balouço, ora se entregando à vertigem do escorrega ou saltando para os cavalinhos, sonhando cavalgadas distantes a par dos seus heróis de pequenas histórias.

A sombra acolhedora de frondosas árvores torna mais apetecível aquele recanto do jardim, que me atrai com a sua alegre algaraviada, qual chilrear de avezitas tontas de felicidade.

O parque infantil tem uma grade mas, ao inverso de uma gaiola, é lá dentro que todos se sentem mais felizes.

Mas, nem todas as crianças estão lá dentro!

Um rapazito, olhos extasiados, segue com interesse (talvez inveja...) as evoluções dos que lá brincam. Todo o seu ódio concentra-se, talvez, naquele homenzarrão que lhe impede a entrada, ignorando, no seu infantil raciocínio, que o pobre homem limita-se a cumprir um dever que é o preço do pão dos seus filhos, que também não brincam no parque infantil.

Mas porque será que o parque infantil tem uma grade?

Em alguns que conheço a grade serve apenas para melhor proteger as crianças que brincam. Neste, a grade impede a entrada àqueles que não dispõem do necessário para adquirir o bilhete de ingresso.

O garoto lá está agarrado à grade, atento ao vaivém do balouço, talvez odiando toda a humanidade que o impede de brincar como as outras crianças, talvez desejando que um dia haja balouços para todos os meninos pobres do seu beco.

Não me é difícil perceber como se pode comprar barata a felicidade para uma criança. Ela aqui custa apenas um escudo.

Olho o miúdo nos seus olhos claros. Ele olha-me também com o à vontade dos seus oito ou nove anos. Não me atrevo a estender-lhe a moeda. Seria uma esmola. Isso nunca!

Olho-o de novo, embaraçado. Ele, já desinteressado da minha presença, volta-me as costas indiferente, disposto a continuar a apreciar as correrias dos que brincam dentro, enquanto passa as mãos sujas pelo rosto suado, acrescentando alguns riscos mais àquela máscara carnavalesca que a sujidade põe sobre a sua pele tisnada pelo sol.

Surge-me a ideia. Sim, será um prémio e não uma esmola. Sorrio, contente, e interpelo-o: «Se fores capaz de em dois minutos ires àquela fonte, lavares a cara e as mãos e voltares aqui apresentável como um homenzinho que és, poderás ir lá para dentro brincar como melhor te aprouver». Não me respondeu, olhos pregados ao chão durante alguns segundos. Pensei que falhara a minha proposta. Súbito voltou-se, correu ligeiro e passado pouco mais de um minuto estava de volta, cara mal lavada, mas olhos reluzentes de felicidade.

Estendi-lhe o dinheiro necessário para o bilhete. Não me agradeceu. Não precisava. Eu estava-lhe igualmente grato. Ambos gozávamos momentos de inegável satisfação.

Correu para o balouço que antes o fascinava, aconchegou-se no banco, sacudiu-se frenèticamente, balanceando as pernas para trás e para diante até atingir velocidade e altura, depois... depois voltou a sonhar, talvez.

Encostado à grade, fiquei durante alguns momentos inebriado de toda aquela felicidade infantil. Também eu era feliz porque todas as crianças brincavam agora dentro do parque. Afinal custa tão pouco a felicidade de uma criança.

Porque será que alguns jardins têm grades que separam as crianças umas das outras?

MAGA

O 84 a «todo o vapor»

Continuação da pág. 5

mais graves do momento presente: os dirigentes auxiliares. Registamos a sua resposta.

— Esse é o lado triste do assunto. A nossa obra não poderá ir mais longe se não houver quem nos ajude. Tanto os lobitos como as avezinhas precisam de chefes. Apelo para as Senhoras da nossa terra, para que nos auxiliem. O que se pede não é muito. É principalmente **boa vontade.** Problemas de ordem vária têm afastado ou impedido algumas preciosas colaborações. Apelo principalmente para a compreensão dos pais no sentido de permitirem a continuação de uma obra válida que é a vida do 84.

«E, antes de terminar, quero agradecer a todos que assistiram ou colaboraram nas cerimónias das comemorações do 39.º aniversário do grupo e muito especialmente ao nosso dedicadíssimo Presidente, Sr. José Duarte Coelho, uma alma grande que nunca nos desampara.»

PRECIOSOS REFORÇOS

O apelo do chefe Horta às senhoras do Entroncamento foi repetidamente lançado de viva voz no decorrer das cerimónias do 39.º aniversário do grupo n.º 84.

Fê-lo, porém, com tanta sinceridade e entusiasmo que lhe foi possível conseguir a preciosa colaboração da Senhora D. Maria de Lurdes da Conceição Pinheiro Rodrigues, Professora da escola técnica do Entroncamento, que aos assuntos juvenis tem dedicado especial atenção, tendo acedido amàvelmente a orientar as actividades da Alcateia.

A amável decisão desta Senhora provocou ainda o interesse de duas gentis meninas, Maria Fernanda Pereira Horta, sobrinha do chefe do grupo e Ana Elisa Freitas Marta, que acederam simpàticamente a prepararem-se como auxiliares de Alcateia.

A terminar uma das cerimónias havíamos já trocado algumas palavras com a Sr.ª D. Maria de Lurdes Pinheiro Rodrigues, que gostosamente registamos:

— Vimo-la fazer a «promessa» das avezinhas. Já foi Guia de Portugal?

— Sim, durante vários anos! Lidei até com muitos lobitos e fui Aquelá no C. N. E., mas depois o meu trabalho não teve continuidade.

— Se fosse convidada para a Alcateia do 84 aceitaria o cargo?

— Sim. O meu marido não se opõe a isso, apesar de termos 4 filhos pequenos e eu ter bastante trabalho na escola industrial onde lecciono.

Quisemos igualmente registar as impressões das futuras auxiliares, respondendo-nos a Maria Fernanda:

— Estou encantada. O meu pai deve autorizar e os estudos não devem ficar prejudicados com isso.

— Que escola frequenta?

— O 5.º ano do Liceu.

Por sua vez a Ana Elisa, confiou-nos:

— Sou muito amiga da Juca (assim chamamos à D. Maria de Lurdes) e, se meu pai não se opuser, cá estarei como sua auxiliar.

— Também estuda?

— Sim também ando no liceu.

A terminar a Sr.ª D. Maria de Lurdes ainda nos disse:

— Somos vizinhas e amigas. Vou falar com os pais delas e estou convencida de que, em Setembro, a Alcateia contará com ambas.

Fazemos votos para que tudo se concretize com os melhores resultados, pois muito haverá a esperar desta preciosa colaboração, que tanto poderá fazer pelo desenvolvimento do grupo n.º 84 e pela juventude do Entroncamento.

SEMPRE PRONTO

Número 280

Agosto de 1968

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

AS ROCHAS

por Maria Carlota d'Almeida Santos

Falando em rochas, podemos talvez imaginar coisa dura e inflexível como o granito ou a pedra calcária.

No entanto, os geólogos empregam este termo num sentido mais vasto e, embora o granito e a pedra calcária sejam, de facto rochas, a argila é-o também.

Nos diferentes pontos do litoral, a atestar estas verdades, podemos colher a certeza do que afirmamos.

Os elementos mais comuns na crosta terrestre são o oxigénio e a sílica que constituem 80 por cento do material rochoso.

Foram decerto as rochas, que mais contribuíram para ajudar a desvendar a história da Terra, dessa desconhecida, e portanto nunca é demais falar nelas.

Começaremos por dizer que as mesmas formam três classes principais.

Primeiro formaram-se as rochas iguais, cujo nome vem de ignis, que, em latim, significa fogo.

Como se depreende, essas rochas são vulcânicas, com origem no arrefecimento do «magma».

Quem as examinar verifica que têm sinais evidentes da altíssima temperatura a que estiveram e devem ter sido as primeiras rochas a formarem-se na terra. Exemplo duma rocha ígnea: o basalto.

Mas de seguida formaram-se as rochas sedimentares, que tiveram origem nas rochas ígneas pelos meios naturais, ou seja, pela água ou vento.

Exemplificando, diremos que, quando as águas dos mares começaram a «roer» a Terra, pequenas partículas arrebatadas foram, as que não eram solúveis, como por exemplo o cascalho e a areia, depositadas naturalmente no fundo, começando a formar-se espessas camadas de rochas sedimentares, de que fazem parte a areia e a terra pròpriamente dita.

Finalmente, surgiram as rochas metamórficas, palavra derivada de outra que significa «mudança».

Sabe-se que o calor e a pressão podem modificar uma substância, tornando-a irreconhecível: é assim que da argila se fazem os tijolos.

Em referência às rochas de que falámos já, quando sujeitas a grandes pressões ou a elevadas temperaturas, ou às duas coisas em conjunto, modificam-se por completo, transformando-se em rocha metamórfica, tal como o xisto, que se desfaz em lascas.

Ainda há outros dois termos muito usados pelos geólogos: «sima» e «sial».

O granito e o basalto, ambos de origem vulcânica, contêm uma boa percentagem de sílica (que também é um dos bons elementos da areia); no granito todavia há uma quantidade apreciável de alumínio, enquanto o basalto contém magnésio.

Daí considerarmos a crosta terrestre como formada por várias camadas, a mais funda das quais é constituída por material basáltico, conhecido por «sima» (sílica magnésio) e a que se lhe sobrepõe, menos regular, tem o nome de «sial» (sílica alumínio). As grandes massas de terra são principalmente constituídas por «sial».

Julga-se que o «sial» cobriu, outrora, toda a superfície da Terra, mas que nos últimos tempos de arrefecimento se fragmentou em pedaços irregulares.

Por si própria, a rocha pouco nos deixa saber da sua idade, a não ser que contenha uma substância, da natureza do urânio.

Felizmente que, de vez em quando, aparecem os fósseis, ou seja, vestígios de seres vivos, que permitem aos geólogos a possibilidade de reconstituírem, com bastante exactidão, a história daqueles tempos.

Adquirem-se assim conhecimentos para engrandecimento da paleontologia, com elementos preciosos, como seja os restos de esqueletos de animais, marcas de pés de seres há muito desaparecidos, obtidos de forma muito semelhante àquela por que se obtém a marca de pé de homem sobre cimento húmido.

Se grandes cataclismos não tivessem agitado a Terra, fácil seria imaginar-se a sua história e a do aparecimento de seres vivos. Mas exactamente esses cataclismos ora agitaram a sua crosta, ou mudaram o leito dos rios e mares e ainda moveram montanhas, precipitando-as em oceanos.

A própria forma dos continentes sofreu alterações e modificações. Ainda hoje isso acontece e continuará a acontecer.

Há muitos milhares de anos, sabe-se, a Inglaterra estava ligada à Europa e na era dos grandes répteis a distribuição da terra e dos mares era inteiramente diversa.

Ao comprimir-se o interior da Terra, pelo arrefecimento, a crosta que a envolvia tornou-se demasiado grande. Encrespou-se esta, dando origem a cadeias de montanhas. Outras forças se conjugaram, contribuindo para essa modificação que ainda hoje está muito longe de se poder dizer completada.

Tudo isto se operou com extrema lentidão. Foram milhões de anos e tanta distância torna confusa a história das rochas, eliminando até algumas delas.

O Livro dos Sedimentos, grande manual de história das rochas está dividido em cinco capítulos: o Pré-Cambriano (antes do aparecimento da vida); o Paleozóico (vida primitiva); o Mezóico (era dos répteis); o Terciário (era dos mamíferos) e o Quartenário (vida actual).

As primeiras rochas que apareceram com fósseis são de há 520 milhões de anos e limitam o período Pré-Cambriano.

(Do «*Jornal dos Pescadores*» de Junho de 1968, com a devida vénia)

NO BRASIL

FAZ-SE JUSTIÇA AO ESCOTISMO

Talvez porque os nossos irmãos brasileiros dispensam às coisas do espírito atenção mais cuidada que nós, homens como o escritor Coelho Neto e o Dr. João Luís Alves, a propósito da notícia publicada em «Sempre Pronto» sobre a morte do Dr. Afonso Pena Jr., fazem referências ao movimento escotista que, a avaliar pela reprodução inserta no número de Julho de 1968, constituem autêntico hino de glória aos escoteiros.

O Governo da República Brasileira não hesita em solenidades para entrega de medalhas aos escoteiros que, por seus feitos, as merecem.

Assim, de Coelho Neto, a certa altura, lê-se: «Assim, essa instituição heróica e generosa é a escola primária do civismo, na qual devem matricular todos os meninos que, amando o seu País, queiram aprender a bem servi-lo e a honrá-lo».

E de João Luís Alves, aquando da entrega da medalha a um jovem escoteiro: «O Governo pretende também, com esse acto, proclamar o seu aplauso à fecunda instituição dos escoteiros, escola moral e cívica dos futuros cidadãos da nossa pátria».

No Brasil, possìvelmente, não existem divisões e em todos os grupos de escoteiros cabem os que professam religiões diferentes, e talvez daí apreciações como as que ficam da autoria de autênticos valores na formação espiritual dos nossos irmãos brasileiros.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Caridade é perdoar, não transigir.

TAMAYO Y BAUS